

O Internetês como forma de manifestação na conquista do presente

Leandro Ramires Comassetto

RESUMO

A Internet inaugurou uma nova dinâmica enunciativa que ainda divide opiniões. De um lado estão os que defendem a inserção de práticas inovadoras no âmbito da conversação e de outro os que criticam o que chamam de deformação da língua. À parte dessa discussão, esta reflexão procura entender, por um viés sócio-antropológico-cultural, as razões pelas quais a linguagem assume determinadas configurações no ambiente virtual. Considera as características de oralidade presentes nas páginas pessoais dos internautas, mas, à luz de uma leitura maffesoliana, enxerga a manifestação de uma dimensão imaginária que faz por reforçar o sentido de pertencimento e identificação dos internautas em seus grupos ou redes de interação.

PALAVRAS-CHAVE: Internetês. Linguagem virtual. Imaginário cotidiano

1 Introdução

Desde o momento em que inaugurou novas formas de escrita, a Internet suscita manifestações e reações de “apocalípticos e integrados”. De um lado, os que condenam o desvirtuamento da gramática e a deturpação da linguagem e, de outro, os que celebram uma revolução criativa, inevitável e própria da evolução tecnológica de nossos tempos.

Há, sem dúvida, uma mudança na forma de comunicar e menos ou quase nenhum rigor no uso da gramática. Os que encaram a transformação com otimismo entendem que a informalidade, além de estimular a criatividade e a inovação, com a adoção de novos recursos nos diálogos, implicando até em novas formas de literatura (CRYSTAL, 2004; 2006), torna o recurso da escrita mais familiar, uma vez que deixa as pessoas mais à vontade na hora de escrever. E a evidência disso tem sido a crescente e acelerada adesão dos usuários da Internet aos chats e redes sociais de toda ordem, que proliferam na web. Estima-se que, no Brasil, 86% dos usuários utilizam-se desses recursos. Nos EUA, a adesão é de 74% dos internautas¹. Há consenso de que a Internet levou as pessoas a ler e escrever mais. Há mais intimidade e fluência no manuseio da escrita, sobretudo nos diálogos e manifestações que se desenvolvem na rede, enquanto que em outros ambientes, mais regrados, os falantes tendem a apresentar certo bloqueio.

E é principalmente aí que se apegam os que não veem a liberdade no uso da língua com o mesmo otimismo. Há um entendimento por parte dos educadores de que a simplificação do vocabulário e a não observação da sintaxe em seu rigor gramatical esteja tornando a escrita mais pobre, na medida em que o jeito de escrever na internet é transposto para escrituras convencionais. Além disso, psiquiatras e neurocientistas têm chamado a atenção para sintomas de “dislexia discursiva”, quando a pessoa perde a capacidade de entender o que lê em ambientes fora da rede. Isso afetaria o raciocínio crítico e a capacidade de reflexões mais profundas (FRANZOIA; GONÇALVES FILHO, 2002)².

Reina ainda sobre a Internet uma desconfiança que data das origens da rede, quando se temia que o excesso de informação fosse acabar com a capacidade de pensamento, visto que a abundância de conteúdo tira o tempo antes destinado à reflexão. Intelectuais como o escritor e semiólogo Umberto Eco, ao manifestar que o “[...] excesso de informação provoca amnésia [...]”, revivem temor similar ao relatado por Platão, no clássico Fedro, por ocasião da invenção da escrita, quando se acreditava que o registro pelo alfabeto fosse acabar com a memória. Inclusive por fomentar “bobagens”, nas quais inclui os “bate-papos”, o cientista italiano acredita que, em longo prazo, o resultado pedagógico será

¹ Dados publicados em 22 de setembro de 2011, por maiswebmarketing.com. Página disponível em <<http://www.maiswebmarketing.com/acesso-as-redes-sociais-no-mundo/#>>. Acesso em: 9 fev. 2012.

² Documento eletrônico.



³ Documento eletrônico.

dramático (ECO, 2011)³.

A ameaça à escrita é ainda mais preocupante quando se depara com observações como a de Sibília (2008, p. 150), dando conta do fim dos teclados. Ao recuperar um ensaio de Walter Benjamin dedicado à morte do narrador, em que o autor observa que a arte de narrar é uma atividade artesanal comparável à do tecelão, porque, além dos olhos e do cérebro, precisa também das mãos, lamenta que o teclado, “[...] essa interface ainda pouco amigável para os parâmetros atuais [...]”, pareça condenada fatalmente à extinção, tendo em vista o aperfeiçoamento das interfaces de voz nos computadores e similares. No vocabulário de Benjamin, era justamente seu “valor ritual” que tornava as obras especiais (2008, p. 153).

Sibília desenvolve sua reflexão acerca da exagerada exposição da intimidade que tanto seduz as pessoas numa sociedade que parece pautar-se na banalidade e na fetichização cada vez mais despudorada do corpo. Retoma em muito a preocupação lançada por Guy Debord ainda na década de 1960, com a publicação do livro *A Sociedade do espetáculo*, que tece uma crítica feroz ao que denomina uma sociedade esfacelada, dividida e infeliz que vive pela aparência e só encontra sentido no consumo.

Embora este não seja o foco da autora, a forma como se utiliza a escrita na Internet também é alvo de considerações. Observa ela que

Sua feitura não se apóia em parâmetros tipicamente literários ou letrados (...). Além disso, impera certo descuido com relação às formalidades da linguagem e às regras da escrita. Mais propulsados pela perpétua pressa do que pela perfeição, estes textos costumam ser breves. Abusam das abreviaturas, siglas, acrônimos e *emoticons*. Às vezes juntam várias palavras eliminando os espaços, enquanto ignoram os acentos ortográficos e os sinais de pontuação, bem como todas as convenções referidas ao uso de maiúsculas e minúsculas. O vocabulário também é limitado. Se considerarmos ainda o fato de costumarem praticar uma ortografia lastimosa e uma sintaxe relaxada, em casos extremos, os textos deste tipo podem beirar os limites do incompreensível – pelo menos, para aqueles que não foram treinados na peculiar alfabetização do ciberespaço (SIBILIA, 2008, p. 38).

A informalidade verbal presenciada nas novas formas de diálogo via Internet estariam, enfim, corroborando a preocupação já esboçada por Debord, em 1967, dando conta de que “a arte da conversação está morta, e logo estarão mortos quase todos os que sabem falar.” (DEBORD, 1967 apud SIBILIA, 2008, p. 38).

2 A proposta do trabalho

Considerados os diferentes pontos-de-vista, este trabalho não pretende tomar partido em defesa de um ou outro lado. Muito menos se arrisca em reflexões que, porventura, pudessem contribuir para o aperfeiçoamento da escrita e melhor utilização da linguagem, seja em ambientes virtuais ou fora dele. Igualmente, não se trata de uma abordagem sob ótica linguística. A preocupação aqui reside, unicamente, em fazer uma leitura, por um viés sócio-antropológico-cultural, das razões pelas quais a linguagem assume determinadas configurações no ambiente virtual. Mais além das características da oralidade, estimuladas pelas ferramentas interativas e páginas pessoais dos usuários, a reflexão aqui esboçada procura observar o que pode ser considerada uma manifestação imaginária, não necessariamente consciente, que faz por reforçar o sentido de pertencimento e identificação dos internautas em seus grupos ou redes de interação, em que a transgressão às normas gramaticais, além das peculiaridades encorajadas pelo ambiente, sugere certa rebeldia, ou apatia, supostamente inconsciente, própria das gerações, sobretudo, mais juvenis da dita sociedade pós-moderna.

Em razão do proposto, o estudo toma por base principalmente os escritos do sociólogo Michel Maffesoli, que, considerando-se o objeto em questão e a proposta de análise, parece melhor expressar a construção do *ethos* contemporâneo⁴. Dessa forma, acredita-se que as manifestações linguísticas, pelo menos em parte, suscitadas nos ambientes virtuais, possam ser explicadas com base nos estudos acerca do imaginário da vida cotidiana, teoria esboçada pelo autor, para quem a conquista do presente dá-se com base num viver coletivo de acentuação hedonista.

3 Um ambiente reconfigurador de práticas sociais

Antes de entrar na discussão proposta, convém proceder a algumas considerações prévias, de forma a melhor entender as razões do novo jeito de comunicar no ambiente virtual.

Em primeiro lugar, está se tratando de um novo ambiente de comunicação, totalmente diferenciado do que até então se conhecia, e que provocou inúmeras mudanças na sociedade, sejam elas políticas, geográficas, econômicas, sociais, que vão muito além do campo da linguagem. A revolução foi tamanha que as implicações sociais decorrentes das práticas *online* deram origem a uma denominação própria chamada “cibercultura”, como forma de distinção ao modo de vida anterior ou exterior à rede mundial de computadores. Sob um ponto de vista determinista, trata-se de um rompimento radical com o passado e inauguração de um

⁴ O *ethos* contemporâneo, como entende Maffesoli, diz respeito à constituição da chamada sociedade pós-moderna, que estaria a operar numa perspectiva de uma **ética da estética** e não a partir de uma moral universal. A socialidade, neste sentido, é o conjunto de práticas cotidianas que escapam ao controle social rígido, insistindo numa perspectiva hedonista, tribal, sem perspectivas futuristas, enraizando-se no presente. Ela está ancorada na multiplicidade de experiências coletivas baseadas não na homogeneização ou na institucionalização e racionalização da vida, mas no ambiente imaginário, passional, erótico e violento do dia a dia. Nesse ambiente, o que conta, sobretudo, são os momentos de despesa improdutivo, de engajamentos efêmeros, de submissão da razão à emoção de viver o “estar junto” que agrega determinado corpo social.

mundo novo (HUTTON; GIDDENS, 2001).

Numa concepção idealizada, a cibercultura favorece a mundialização de modos de organização social em perspectiva comunitária e libertária e de modo a favorecer a inteligência coletiva. Em oposição à homogeneização e massificação promovida pelos meios de comunicação convencionais, prosperam novas formas de comunicar e de compartilhar a informação e o conhecimento, facilitadas pelas ferramentas de comunicação colaborativas, em que o acesso dá-se de forma igualitária para todos (LÉVY, 1999).

Em tese, a sociedade virtual permite tudo isso, embora, na prática, as coisas não funcionem exatamente dessa forma, consideradas principalmente as relações de poder que permeiam a sociedade em todos os ambientes e a valorização extremada de uma razão tecnocrática que se fecha em si mesma, homogeneizando toda a vida social. O mundo virtual e, sobretudo, a comunicação nele estabelecida tem seus críticos, entre os quais se destacam Sfez, Baudrillard, Virilio, entre outros pensadores contemporâneos, como o sociólogo Philippe Breton (2000), para quem não há exatamente socialidade na rede, mas uma interatividade virtual de relações muito reativas, rápidas e pouco encorajadoras.

De qualquer forma, vêem-se os usuários instigados a produzir seu próprio espetáculo, seu próprio imaginário, seu próprio desafio, pondo em marcha, como observa Lemos (2002, p. 84), “[...] um processo de apropriação e de construção de tecno-socialidades, ou cibernsocialidades [...]”, em busca da satisfação de seus desejos cotidianos em meio a um novo tecido social comunitário.

À margem de qualquer julgamento valorativo, o fato é que a Internet afeta sobremaneira a própria questão da subjetividade, permitindo a construção e o ajustamento de identidades e a manipulação dos papéis sociais de acordo com interesses próprios ou “egoístas”, como quer Rüdiger (2002). Mesmo que movido por um ambiente de fantasias, a verdade é que a internet oferece novas possibilidades de desenvolvimento individual ou de grupos, em que a linguagem é apenas mais um detalhe.

Obviamente que sobram críticas aos abusos de toda sorte verificados na rede, onde a inexistência de protocolos éticos rígidos e o mascaramento por pseudônimos acabam por estimular a permissividade, dispensando-se responsabilidades individuais e grupais. Contra a crítica mais moralista, Moraes (2001) observa que esta não é uma particularidade da internet, mas da própria sociedade contemporânea, permeada de abusos insuportáveis, entre os quais cita o desemprego estrutural, a brutal concentração de renda, iniquidades sociais e a corrupção. Por que, sendo a Internet uma projeção da inteligência humana, deveria ser exceção, pergunta o autor, para quem:

O diferencial da Internet consiste no fato de que as comunidades virtuais, enquanto corpos orgânicos, definem e objetivam valores éticos e códigos informais de conduta. Tais regras não provêm de fora, das estruturas de poder [...]. Devem ser aceitas por consenso e adaptadas às singularidades, práticas e tradições dos grupos. [...] Coletivos virtuais privilegiam coexistências regidas não mais por princípios genéricos, e sim pelo ideal de harmonização de perspectivas individuais no seio de grupos afins, favorecendo a reelaboração sistemática de premissas e competências (MORAES, 2001, p. 77).

Está mais do que claro que a Rede, muito além de um mecanismo de comunicação, é um agente reconfigurador de práticas sociais. E, no que, particularmente, diz respeito à linguagem, seria, pelo contrário, de se estranhar se as manifestações de fala (ou escrita) mantivessem as mesmas configurações dos tempos do “bico de pena ou da máquina de escrever”. Citelli, de forma alguma, entende que as operações de linguagem processadas na rede perderam importância ou se abastardaram. O que precisa ser levado em conta é que agora se trata de “[...] outros referenciais expressivos, balizados por acordos e protocolos acertados entre enunciadores e enunciatários, destinadores e destinatários, num amplo movimento de **negociação dos sentidos** [...]” (CITELLI, 2006, p. 125, grifo do autor). Para o autor, tanto o jovem usuário do MSN ou do *Orkut* quanto médicos, comerciantes, advogados e professores estão conscientes de que a linguagem empregada para as trocas de diálogo na internet assenta-se em protocolos diferentes que os utilizados na redação escolar ou nas respectivas atividades profissionais. Salienta, entretanto, que a qualidade ou quantidade do que se lê ou escreve, bem como as implicações do modo de escrever nas redes sociais para a vida escolar ou profissional, é outra questão, a ser pensada em circunstância própria, sem preconceitos e idealizações, o que também não é o propósito deste trabalho.

É preciso deixar claro, por fim, que as palavras em circulação na rede, entre outras particularidades, “[...] giram em torno de grupos/comunidades que flexibilizam normas, regras e códigos expressivos, ajustando protocolos de entendimento em um ambiente que refuncionaliza palavras, textos e discursos.” (CITELLI, 2006, p. 126).

4 Características da escrita na internet

A velha máxima de Marshall McLuhan “o meio é a mensagem” vale também para a materialização da fala na Internet. As peculiaridades do meio têm influência direta sobre a conversação. Ainda em 1999, o pesquisador canadense Dom Tapscott, que tem se dedicado à relação da chamada “geração net” com o mundo dos negócios, chamava a atenção, entre outros comportamentos, para o que denominou “imediatismo interacional”, referindo-se à agilidade necessária no manuseio do teclado do computador durante as interações *online* (TAPSCOTT, 1999).

Os mais familiarizados ao diálogo nos chats de conversação sabem que a rapidez na interação é pressuposto para a manutenção da conversa e também uma forma de identificação entre os participantes do debate. Quem tem dificuldade para atender a esse requisito fatalmente acabará por ser ou se sentir excluído. É comum, em diálogos na Internet, o encerramento da conversa quando há demora na resposta do interlocutor, visto que isso pode significar perda do turno da fala, dispersão ou desinteresse do falante (XAVIER, 2007). A interação na rede requer funcionalidade. E é em razão disso que se sobressaem duas características fundamentais na linguagem dos internautas e que muito têm sido salientadas pelos estudiosos e especialistas do meio, que são a oralidade, conjugada com a informalidade, e a simplificação.

A linguagem usada, sobretudo, nas salas de bate-papo, e comumente também nos blogs, é um simulacro da comunicação oral, dinâmica e informal por natureza. Daí que recursos como as abreviações, eliminação de sinais e letras considerados supérfluos, onomatopeias e signos visuais (*emoticons*), por exemplo, são uma forma de atender à agilidade da conversação e de compensar a ausência física dos interlocutores.

A história mostra que não há nada de errado em adaptar a escrita à necessidade dos falantes. Ferdinand de Saussure, o pai da linguística moderna, já chamara a atenção para a primazia do discurso oral e como a linguagem está enraizada ao som. Partindo dos primórdios da linguística, Walter Ong (1998) concluiu que o som articulado tem importância capital. Diz ele que não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento, estão relacionados de forma absolutamente especial ao som:

Na realidade, a linguagem é tão esmagadoramente oral que, de todas as milhares de línguas – talvez dezenas de milhares – faladas no curso da história humana, somente cerca de 106 estiveram submetidas à escrita num grau suficiente para produzir literatura – e a maioria jamais foi escrita. Das cerca de 3 mil línguas faladas hoje existentes, apenas aproximadamente 78 têm literatura (ONG, 1998, p. 15).

O pesquisador conclui que “a expressão oral pode existir – e na maioria das vezes existiu – sem qualquer escrita; mas nunca a

escrita sem a oralidade” (p. 16). Em se tratando da manifestação informal dos internautas (obviamente que não estamos tratando aqui de textos científicos, literários, jornalísticos, acadêmicos ou da área dos negócios), é natural que estejam eles apenas preocupados em atender à funcionalidade da conversação, e daí a razão pela qual a atenção às normas gramaticais seja uma preocupação (quando ela existe) secundária.

Como não é propósito deste trabalho fazer um levantamento preciso dos usos linguísticos, nem identificar que recursos são mais comuns em um ou outro ambiente (*chats, blogs, sites de relacionamento...*), a identificação das manifestações dos falantes na rede não seguiu um rigor metodológico. Daí que, além da observação não criteriosa por parte do autor, foram tomados por base levantamentos anteriores feitos e publicados por outros pesquisadores.

Dos traços descritos⁵, um dos que mais irritam os puristas da língua pela ausência ou desvirtuamento no uso é a pontuação. A ausência de ponto final e do ponto-de-interrogação nas salas de bate-papo ou sites de relacionamento é comum entre os internautas. As vírgulas também costumam ser ignoradas ou aparecer em lugar trocado, o que reflete a economia de movimentos no teclado para atender à pressa da conversação. Por outro lado, há exagero de sinais (a exclamação e a própria interrogação, bem como alongamento de letras) como forma de dar ênfase ao dito e com a intenção de compensar a falta de co-presença física dos falantes (“bjus e muitas saudades!!!!!!!!!!!!!!”; “Eu tava ou não tava redonnnnnnnnnnda?????”; “demaiissssssssss”; “adoreeeeeeeei”) (ARAGÃO, 2006).

A escrita das palavras, por sua vez, demonstra aproximação bastante grande da fala. É como se os internautas estivessem fazendo uma transcrição fonética do vocabulário. Daí, principalmente, a substituição de vogais, como nos exemplos a seguir: “tristi”, “queru”, “amu”, “issu”, “naum” (neste caso também para compensar a ausência do til, como se faz com o acréscimo do “h” para substituir o acento agudo: “jah”, “eh”, “ateh”, no início, ausentes dos programas de conversação). Neste caso, aliás, vale observar que, mesmo a partir do momento em que os sinais diacríticos, tanto o til quanto o acento agudo, foram tecnicamente possíveis, os usuários preferiram manter a escrita anterior, talvez para evitar um esforço menos comum na digitação ou, mais provavelmente, como forma de estilo de uma linguagem própria da internet ou dos grupos afins, conforme discutiremos mais à frente. Na mesma lógica de construção de um vocabulário próprio dos internautas, observa-se a substituição do “qu” e do “c” por “k” e do “u” por “w” (“malukinha”, “akela”, “kade”, “falow”, “valew”), que também podem estar querendo refletir uma aproximação do

⁵ Casos extraídos principalmente do artigo de Rodrigo Lima Aragão (2006).

inglês, o que teria um sentido de inovação.

Se, por um lado, a grafia de letras maiúsculas é ignorada no início das frases, ou então toda a frase ou texto aparece em caixa alta, por outro são comuns situações como as seguintes, de forma a manifestar uma emoção, enfatizar uma intenção ou mesmo de forma aleatória, sem intenção aparente (...hahahah ZUERAA!!=; tenho mto resPEITO por vc viu?? E q peito...; CaDa dIa q pAsSa eU ReCeBo uMa NoTiCiA PiOr q A oUtRa...). Neste último caso, em particular, em que a intenção está nebulosa, cabe observar que a escrita contraria a agilidade peculiar dos diálogos na internet, embora nem sempre este seja o propósito, ainda mais numa situação como esta em que o excerto foi extraído de um blog e não de uma ferramenta de bate-papo. Casos como estes últimos estão muito próximos de expressões como “bliguentos”, “te dolu”, “xexy” (briguentos, te adoro, sexy), que expressam linguagem carinhosa, meiga, infantil, etc.

O que se vê de mais comum nos ambientes de conversação e redes sociais, entretanto, são casos de braquissemia (redução das palavras), estes sim bastante compatíveis com o propósito de abreviar o vocabulário para ganhar tempo (“tadinho”, “facul”, “migona”, “miga”, “miguxa”, “vlw”, “vc”, “tc”, “niver”, “bjs”, “bjus”, “bjux”, “blz”, “fds”, esta última equivalente a “fim de semana”). Outra vez aqui, conforme observa também o autor da pesquisa dos casos relatados, o recurso das abreviações nem sempre tem o propósito de agilizar a conversação, visto que as expressões foram extraídas também de blogs, onde a pressa não é requisito.

Quanto ao léxico, sobressaem-se gírias e palavras próprias de grupos de falantes como jovens e tribos urbanas (emos, nerds, góticos, punks, etc.) e também onomatopeias, sobretudo as que expressam emoções (“kkkkkkk”, “shsuaaashuaahasushuaaa”, “hehehehe”, para risada; “buáááá”, “snif”, para choro).

Há ainda muitos outros casos de uso “atípico” - nos ambientes formais ou fora da internet - da linguagem, mas que não vem ao caso esmiuçar aqui. São relações como essas, mostradas por Citelli (2006, p. 130), de letras misturadas a números ou *emoticons* (“- O K vc6s estão fazendo?”; “- :) de vcs” = - O que vocês estão fazendo?; - Rindo de vocês), que, por vezes, extrapolam as características óbvias de oralidade e simplificação, comuns no ambiente virtual, constituindo um dialeto próprio, que fortalece os laços de identificação dos falantes, e que ganhou até uma denominação própria: “*Netspeak*” ou “Internetês”. Nesta linguagem, as transgressões são não apenas permitidas, como também reconhecidas, legitimadas e estimuladas, de forma a expressar outros mecanismos codificadores no grupo, revelando o desprezo, sobretudo, dos jovens, à escritura formal.

A Internet, reconhece Crystal (2006), afetou mais os processos comunicativos que qualquer outra inovação tecnológica na história desde a invenção da escrita. O determinismo tecnológico sobre a comunicação é patente e, a cada instante, a rede continua apresentando inovações que implicam sobre os processos cognitivos, influenciando nas formas de falar, escrever e pensar. Claro exemplo é o *microblogging Twitter*, cuja limitação da mensagem a 140 caracteres exige profunda necessidade de adaptação e interação, “[...] propondo novas linguagens, discursos e práticas sociais imbuídos de novos sentidos e valores.” (FREIRE, 2011). Neste ínterim, como sentencia Crystal, nada mais natural que criar novos códigos compartilhados entre seus usuários.

5 O “Internetês” e a conquista do presente

Mais além das características motivadas pela tecnologia e pela pressa típica dos dias atuais, quando praticamente tudo se dá pela manipulação da palavra num oceano de possibilidades, as transformações verbais operadas na web estão além de fatores linguísticos ou midiológicos. O que se observa, até por situações que, por vezes, contradizem um ou outro dos objetivos anteriormente elencados, como a grafia diferente de vocábulos e inserção demasiada de signos icônicos que pouco ou nada contribuem para o propósito econômico da conversação, é que a práxis enunciativa em questão constitui-se num novo estilo de comunicar que contraria o formalismo, a solenidade e o preciosismo da gramática normativa em prol de um estilo que está muito de acordo com a cultura de nosso tempo.

Os teóricos do pós-modernismo já chamaram a atenção para muitos dos traços presentes nas manifestações culturais contemporâneas e que parecem ter identificação bastante próxima do que se verifica na linguagem dos internautas, como a paixão pelo pastiche, a multiplicação e colagem de estilos, e o afastamento da ideia da personalidade unificada em favor da experiência. Jameson (2001), aliás, enfatiza que a fragmentação das normas linguísticas, com cada grupo passando a falar uma curiosa língua particular própria, é uma mimetização da atual tendência da vida social contemporânea.

O sociólogo Michel Maffesoli (2001a; 2006) caminha na mesma linha de pensamento, mas numa perspectiva mais entusiasta, que o leva a celebrar as mudanças como uma “conquista do presente” (título, aliás, de uma de suas obras). Para o autor, a tecnologia digital contemporânea faz emergir novas formas de sociabilidade e de vínculos associativos comunitários, promovendo uma espécie de reencantamento do mundo. Nessa lógica, a vida social está assentada no aqui e agora e se dá pela interação entre

grupos de afinidade que ensejam a “teatralidade” cotidiana. Em contraposição à individualidade fortemente marcada da sociedade moderna, pautada na moral, na racionalidade, no regramento, no idealismo e em perspectivas futuristas, o sujeito da atualidade vive a dimensão do presente. Alheio a engajamentos políticos fixos, pertencimentos a classes sociais definidas e a ideais burgueses ou proletários, é desprovido de uma lógica de identidade e prefere abster-se e ignorar os valores universalistas, pautando-se pela efemeridade e imediatismo, com ênfase ao lúdico. “A vida é um jogo, a vida está em jogo. Essa é a relação com o destino, é o que liga estreitamente a seriedade e o riso.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 215).

Nesse processo, analisa Lemos, as novas tecnologias vão desempenhar um papel muito importante. “Ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, elas vão agir como vetores potencializadores dessas situações, da socialidade.” (LE MOS, 2002, p. 90). O autor observa que o ciberespaço é, ao mesmo tempo, limite e potência de uma estrutura social de conexões tácteis, que são as comunidades virtuais eletrônicas (*chats, muds* e outras agregações eletrônicas). “Em um mundo saturado de objetos técnicos, será nesta forma técnica (as redes telemáticas) que a vida social vai impor o seu vitalismo.” (LE MOS, 2002, p. 91). Logo, estaríamos assistindo à passagem do indivíduo clássico à consolidação da “tribo”.

Para Maffesoli (2006), o esgotamento da perspectiva individualista da modernidade é correlata à formação das mais diversas tribos contemporâneas. Observam-se pulsões gregárias de todos os tipos. O sujeito passa a existir em sua relação com o outro, compartilhando com o outro um pedacinho do mundo, mas criando, a partir disso, uma relação de pertencimento, um sentimento de emoção vivida em comum, mesmo que marcado por ajuntamentos pontuais. Os valores são projetados no coletivo social, prevalecendo uma dominância empática, marcada, no mais das vezes, por uma lógica hedonista, com traços juvenis. O essencial está em reconhecer-se, em ver-se, em fazer parte de uma comunidade presencial ou virtual.

O indivíduo, enfim, constitui-se e é pelo imaginário tribal. O imaginário, para o autor, é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo, em torno não necessariamente de um elemento racional, ou razoável, mas também de outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, os sonhos, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. Maffesoli (2001b) crê que o imaginário funciona pela interação. “Por isso, a palavra interatividade faz tanto sentido na ordem

imaginária. Há processos interacionais que criam aura.”. E, nesse sentido, “[...] o imaginário é alimentado por tecnologias. A técnica é um fator de estimulação imaginal. [...] A Internet é uma tecnologia de interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários [...]”, em que o mais importante é a relação, a circulação de signos, as relações estabelecidas. A Internet não precisa ser racional. O importante é a partilha de imagens. A comunicação não necessariamente precisa ter um fim:

A comunicação pode ser, como nas conversas sem razão de ser de todo dia, um ato em si: conversar por conversar, para estar junto, para passar o tempo, para dividir um sentimento, uma emoção, um momento, um pequeno nada de cada dia. Comunicar por comunicar (MAFFESOLI, 2008, p. 26).

Logo, se a comunicação não precisa ter um fim, por que a linguagem teria que ter uma forma precisa, definida, rígida, normativa? Maffesoli é provocativo e diz que, “[...] mesmo correndo o risco de provocar escândalo, ou de ser perverso, cabe dizer que a principal função da comunicação é divertir, distrair, entreter [...]” (2008, p. 28), e que não tem nada de pejorativo nisso.

Deleitam-se os usuários sobre conteúdos que têm por fim não mais que a construção de imagens identitárias, e o código ganha também essa função, de despertar uma sensação de pertencimento que é tão cara ao grupo. Trata-se de um jogo ritualizado. A linguagem é um rito. E o rito só tem sentido em relação à sociabilidade, em relação à troca. “Da mesma maneira que o rito antigo fazia entrar na comunhão dos deuses, o rito moderno permite a integração a essa modulação do divino que é o social”, reforçado pelo jogo, pela brincadeira, pela experimentação, numa celebração hedonista, que cria uma alquimia misteriosa, conduzindo “[...] ao que podemos chamar de harmonia – que não é o objetivo ideal de uma visão utópica -, e que, sob formas díspares ou de maneira mais calma, se vive no dia-a-dia.” (MAFFESOLI, 2001a, p. 216-17).

Marcuschi (2001) define a língua não como um sistema abstrato de regras, mas sim como um fenômeno heterogêneo e indeterminado que reflete a realidade de uma sociedade em transformação. E o “internetês” também expressa o jeito de ser dessa sociedade neotribalista, marcada pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão, mas também pelo imaginário dionisíaco que se concretiza pela vontade de estar-junto, de compartilhar emoções em comum, em múltiplas identidades, reais ou imaginárias, que permitem se lançar em fantasias criadoras e se arriscar nos excessos que a vida proporciona.

Maffesoli (2006, p. 156), retomando Simmel, cita o papel da máscara, que tem, entre outras funções, “[...] a de integrar a *persona* em uma arquitetura de conjunto.”. A máscara pode ser

uma cabeleira extravagante ou colorida, uma tatuagem original, a reutilização de roupas fora de moda ou ainda uma excentricidade qualquer vivida concreta ou virtualmente. A internet, aliás, é o palco perfeito para isso, encorajando a refração da personalidade em múltiplos eus, o que também, no entender de Maffesoli, é uma forma de cinismo que funciona como um escudo eficaz para se proteger contra o mundo dos ‘outros’, o mundo dos poderes, da imposição. O cinismo usa e abusa, sem deixar fascinar por aquilo mesmo do qual se serve. “O cinismo não acredita em um status quo que seria perfeito, e também não espera uma modificação radical. Aquilo que lhe importa é, em primeiro lugar, afirmar sua vida ou sua morte de todos os dias.” (2001a, p. 174).

Eis por que a Internet cativou tanto os jovens. Como diz Lemos (2002, p. 93), “o ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e *home pages*, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema.” A cibercultura assume, assim, uma aura de contracultura, mas que não recusa a tecnologia e sim a usa à sua forma para reinventar o cotidiano e alimentar a convivialidade. E daí resulta essa nova forma de expressão, artilosa, engenhosa, sagaz, repleta de gírias, abreviaturas e palavras transpostas, que, ao mesmo passo que promove o conagraçamento comunitário e a conquista do presente em sua riqueza de possibilidades, reais ou imaginárias, denuncia e afasta quem se sente estranho ou alheio ao grupo.

6 Considerações finais

O comportamento da linguagem conforme as particularidades de cada tempo vivido, não é fato novo. A língua não é um sistema uniforme e imutável. Ao longo do tempo, as mutações são visíveis. Mas, se antes as mudanças davam-se, sobretudo, por razões políticas e geográficas, nos dias de hoje sobressaem-se fatores tecnológicos e socioculturais. O chamado internetês atende ao dinamismo da sociedade da informação e está em consonância com a praticidade da internet, na qual a velocidade do ato comunicativo é virtude indispensável. Daí a razão de se buscar uma forma de conversação muito próxima da velocidade, espontaneidade e simplicidade da fala, agregada de recursos que supram a ausência física do interlocutor. Melhor ainda se este novo jeito de comunicar possa dar-se de forma criativa e descontraída, lúdica até, livre de regramentos e preciosismos que contrariam as formas de sociabilidade típicas de nosso tempo. A língua já é por natureza um mecanismo de conagraçamento, de aproximação, de fortalecimento identitário. Logo, seria contra-

dição condenar ou inibir iniciativas que só fazem por reforçar essa característica.

Não têm sido poucas as manifestações de desconfiança ou temeridade em relação aos efeitos dessa nova práxis comunicativa ao futuro da língua. O dialeto propagado pela Internet já foi taxado, por opiniões abalizadas do mundo das letras, de “besteírol infanto-juvenil” que só faz por promover um “ataque deformador” que leva à “decadência” da língua portuguesa⁶. Estaria em jogo, na opinião dos puristas da linguagem, a descaracterização e a própria sobrevivência do idioma. Mas este é um temor que, na opinião de Crystal (2004; 2006), não vai se concretizar, uma vez que não estão sendo alterados o sistema fônico, o sistema gramatical e o fundo léxico comum, que determinam o caráter dos idiomas. Pequenas mudanças ou simplificações ortográficas não representam transformações significativas. O que se percebe é uma maneira de se expressar bastante informal, “[...] e este é um fenômeno de ordem discursiva.” (FIORIN, 2008, p. 13).

De qualquer forma, queiram ou não os defensores da irredutibilidade do idioma, este é um fenômeno impossível de se controlar. Em 50 ou 100 anos, acredita Crystal (2006), todas as línguas que utilizam a internet serão, de alguma forma, diferentes. Não se trata de um privilégio ou demérito apenas do português. No caso do próprio inglês, acusado de contaminar idiomas no mundo inteiro, corriqueiramente se percebem as influências de falantes não-nativos, que já superam em muito as de nativos. “Novas palavras e expressões enriquecem e pluralizam a língua de Shakespeare. As mudanças são inevitáveis”. Muito melhor se encaradas de forma tranqüila ou, para ater-se a uma acepção maffesoliana, no espírito de um gozo coletivo.

Netspeak as a way of expression in the conquest of the present

ABSTRACT

The internet brought about a new communication dynamic that continues to divide opinions. On one side, there are those that defend the inclusion of innovative practices within conversation while others who criticize what they call a deformation of the language. As part of this discussion, this reflection aims to understand, through a socio-anthropological-cultural bias, why the language assumes certain settings in the virtual environment. Consider the characteristics of orality present in the personal pages of internet users, but in the light of a reading maffesoliana, one sees the manifestation of an imaginary dimension that reinforces the sense of belonging and identification of internet users in their groups or networks of interaction.

KEYWORDS: Netspeak. Virtual language. Imaginary daily life.

⁶ Ver as manifestações do escritor Deonísio da Silva, disponível em <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0227.html>>, da cronista Martha Medeiros, disponível em <<http://www.anoticia-to.com.br/noticias.php?IdNoticia=4989>>, e do escritor e crítico literário Jerônimo Teixeira, disponível em <http://veja.abril.com.br/120907/p_088.shtml>. Acessos em 05 fev. 2012.

Referências

- ARAGÃO, Rodrigo Moura Lima. Descrição e análise dos usos linguísticos de diferentes ambientes da internet e sua relação com o suporte. **Revista Letras**, Curitiba, n. 70, p. 137-156, set./dez. 2006.
- BRETON, Philippe. **Le Culte de l'Internet**. 2 ed. Paris: La Découverte, 2000.
- CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- CRYSTAL, David. **Language and the internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. **A Revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ECO, Umberto. O Excesso de informação provoca amnésia. **Época**, São Paulo, 30 dez. 2011. Entrevista concedida à Luis Antônio Giron. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-informacao-demais-faz-mal.html>>. Acesso em: 9 fev. 2012.
- FIORIN, José Luiz. **A Internet vai acabar com a língua portuguesa?** Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/arquivos/matte/ievidosol/Fiorin.pdf>> Acesso em: 05 fev. 2012.
- FRANZOIA, Ana Paula ; GONÇALVES FILHO, Antonio. O Português.com. **Época**, São Paulo, 09 set. 2002. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT384160-1664,00.html>>. Acesso em: 9 fev. 2012.
- FREIRE, Alan Eugênio Dantas. **Linguagem e identidade no Twitter: a pós-modernidade em 140 caracteres**. Natal: UFRN, 2011. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT31/alanfreire_shXIX_anais.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2012.
- HUTTON, Will; GIDDENS, Anthony. Conversación entre Anthony Giddens y Will Hutton, In: GIDDENS, Anthony. **Em El limite: la vida em el capitalismo global**. 2 ed. Barcelona: Kriterion Tusquets, 2001.
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEMOES, André. **Cibercultura: tecnologias e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. A Comunicação sem fim. In: MARTINS, Francisco Menezes ; MACHADO DA SILVA, Juremir. **A Genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- _____. **A Conquista do presente**. Natal: Argos, 2001a.
- _____. O Imaginário é uma realidade: entrevista a Juremir Machado da Silva. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, 2001b.
- _____. **O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORAES, Dênis de. **O Concreto e o virtual: mídia cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus, 1998.
- TAPSCOTT, Don. **Geração digital**. São Paulo: Macron Books, 1999.
- RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura**. São Paulo: Hacker, 2002.
- SIBILIA, Paula. **O Show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- XAVIER, Antonio Carlos. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet. Recife: UFPE, 2007. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Reflex%F5es%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2012.

Leandro Ramires Comassetto

Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA – RS).

E-mail: leandrocomas@hotmail.com

Recebido em: 29/03/2012

Aceito em: 25/05/2012